

Narrativas e Narradores de Vacinas no YouTube¹

Márcia Cristina Rocha COSTA²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA
Antonio Marcos Pereira BROTAS³
Jéssica Fernandes GUANABARA⁴
Vitor Arthur da Silva ANTONIO⁵
Theolis Costa Barbosa BESSA⁶
Fiocruz, Salvador, BA

RESUMO

Este artigo traz o resultado de uma pesquisa exploratória e descritiva que identifica os narradores e os sentidos das suas narrativas sobre vacinas em vídeos postados na plataforma YouTube em 2018. Foram selecionados e analisados 60 vídeos, entre os mais visualizados em seis categorias: profissionais da saúde, institucionais, influenciadores, autobiográficos, informativos e didáticos. Apresentamos o mapeamento dos sentidos construídos nesta rede social com mais de um bilhão de usuários, na qual identificamos discursos favoráveis e contrários à vacina. Diante da queda nos índices de imunização e o retorno de doenças, como o sarampo, associados à hesitação e rejeição às vacinas, este trabalho contribui para o debate em torno de ações de comunicação que auxiliem no engajamento da população.

PALAVRAS-CHAVE: vacinas; vídeos; youtube; narrativas

Introdução

As notícias de surtos e mortes pela volta de doenças já desaparecidas do nosso cotidiano, como o sarampo, tem sido frequentes na mídia. O Programa Nacional de Imunizações, desenvolvido no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), vem registrando queda nos índices de cobertura vacinal e colocam o Brasil diante de um desafio que se impõe tanto a países pobres quanto ricos: conter a onda de hesitação e rejeição às vacinas, que têm impacto nas políticas públicas de prevenção e controle de doenças.

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professora Doutora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e-mail: marciarocha.jor@gmail.com

3 Doutor em Cultura e Sociedade e Tecnologista em Saúde Pública da Fiocruz Bahia, e-mail: ambrotas@gmail.com

4 Estagiária da Fiocruz Bahia, estudante de graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Unifacs, e-mail: jguafernandes@gmail.com

5 Estagiário da Fiocruz Bahia, estudante de graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Unifacs, e-mail: vitorarthur.profissional@gmail.com

6 Tecnologista em Saúde Pública da Fiocruz Bahia, e-mail: theolis@bahia.fiocruz.br

Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), entre 2010 e 2017, 169 milhões de crianças no planeta deixaram de receber a primeira dose da vacina contra o sarampo⁷. Só no ano passado, 136 mil pessoas morreram por causa da doença. No Brasil, a vacina tetraviral, que previne sarampo, rubéola, caxumba e varicela, teve o menor índice de cobertura em 2017 e mais de 10 mil casos de sarampo foram registrados em 2018.

O discurso de contestação, indecisão e negação das vacinas vem ganhando espaço nas mídias sociais, a partir de relatos de experiências e partilha de conteúdo sobre os efeitos adversos das vacinas e seus males à vida humana, na contramão dos benefícios propagados pelas instituições de pesquisa e de promoção da saúde. Estudos apontam que a disseminação de fake news influencia a crença dos indivíduos e as redes sociais tem papel fundamental na hesitação. (SCHMIDT, 2018). Além da falsa sensação de segurança em torno da crença de que as vacinas não são mais necessárias, os sentimentos de desconfiança e dúvida sobre a efetividade e os perigos da tecnologia implicam em recusa, atraso ou aceitação relutante.

No contexto da convergência midiática, os discursos na rede ganham velocidade, memória, integração, conectividade, interatividade e marcam uma cultura de exposição, em que as pessoas, no uso das tecnologias disponíveis, também exercem o seu papel como produtoras de conteúdo pró e antivacina. Em espaços de comunicação, como o YouTube, o processo de interação e engajamento ocorre pelo interesse em postar, assistir e comentar vídeos, expressando a gramática narrativa audiovisual contemporânea.

Neste artigo, buscamos identificar narradores e os sentidos de suas narrativas sobre vacina no youtube, cuja plataforma criada há 14 anos se tornou uma das maiores do mundo na divulgação de vídeos, com mais de um bilhão de usuários. Após mapear mais de 600 vídeos, foram selecionados 60 vídeos que abordaram o tema vacina, escolhidos entre os 10 mais visualizados em seis categorias: profissionais de saúde, institucionais, informativos, didáticos, influenciadores e autobiográficos. A partir dos argumentos explícitos e implícitos dos narradores, imagens e formas narrativas adotadas, pretende-se contribuir para um mapeamento dos sentidos construídos em torno das vacinas no youtube, que poderá auxiliar na promoção do debate e no engajamento de ações de comunicação positivas sobre vacinas nas mídias sociais.

⁷ Dados disponíveis em :<http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-04/sarampo-21-milhoes-de-criancas-deixam-de-ser-vacinadas-todos-os-anos>. Data de acesso: 26 de junho de 2019.

Mídias Sociais: potencial para impulsionar sentidos

As mídias sociais permitem novas conexões, associações em comunidades, novos modelos comunicativos, que rompem fronteiras e ampliam a capacidade de interação entre as pessoas. No espaço social do YouTube, por exemplo, as pessoas podem criar canais para exibir os seus vídeos, propagar informações, estimular engajamentos, ao mesmo tempo em que recebem e compartilham outros conteúdos. Na dinâmica de interações, os discursos e argumentos dos indivíduos influenciam na construção do sentido social da vacina (JENKINGS; MORENO, 2018).

Na abordagem do youtube como fonte de informação para vacinas, não identificamos pesquisas realizadas no Brasil e há poucos estudos internacionais sobre o conteúdo de vacina nesta plataforma, geralmente pulverizado em diferentes narrativas e atores sociais, sem um canal específico para discussão do tema.

Ao analisar a expressão de sentimentos em relação à vacina contra sarampo e influenza, Yiannakoulis, Slavik e Chase (2019) descobriram que os videos antivacina, principalmente sobre gripe, tendem a receber mais likes, indicando o “gostei” de quem assistiu. O estudo demonstra que o youtube é um fórum importante para compartilhar o sentimento de hesitação vacinal e sugere que o conteúdo pró-vacina terá mais impacto durante ou imediatamente após períodos de surto de doenças que são evitáveis com a imunização.

Nas redes sociais, instituições, grupos e pessoas se associam digitalmente na disseminação de publicações referenciadas em supostos discursos científicos, potencializando os sentimentos de hesitação, medo, incerteza, que interferem na decisão de tomar as vacinas disponíveis nos postos de saúde. A Organização Pan-Americana de Saúde alerta desde o ano passado sobre as notícias falsas nas redes sociais que desencorajam as pessoas a se imunizarem.

O sistema de monitoramento do Ministério da Saúde também constatou que 89% das ocorrências de fake news estão relacionadas com a efetividade das vacinas, frequentemente associadas a doenças como autismo e ao riscos de vacinas contra HPV, febre amarela e sarampo. Desde 2004, quando os blogs se popularizaram, estudos sobre esse fenômeno vem ocorrendo em vários países, como Estados Unidos, Inglaterra e Itália. Diante da capacidade das mídias sociais em impulsionar notícias falsas, os pais que buscam informação sobre vacinas na internet estão mais propensos a formar crenças antivacina, como apontam Meleo-Erwin et al (2017). Os autores analisaram a tomada de

decisão sobre vacinação, a partir de mensagens e comentários em 25 blogs de pais mais acessados, entre 2006 e 2015. O estudo concluiu que 52% das postagens desencorajavam a vacina e estavam associados com expressões de liberdade individual.

Estudos, como o de Berry et al. (2017), mostram que o relacionamento clínico entre pais e profissionais da saúde pode ser uma ferramenta poderosa para promover a vacinação. A pesquisa foi baseada nas experiências de médicos generalistas e enfermeiros australianos que lidam no trabalho da atenção primária com pais que recusam a vacinação, preferem práticas alternativas ou naturais e questionam evidências médicas e científicas. O obstáculo terapêutico gerou conflito nas consultas e expôs a insatisfação da maioria dos profissionais de saúde, que se sentiram frustrados e desafiados em sua legitimidade e identidade profissional como especialistas e defensores da saúde. Por outro lado, a investigação também revelou estratégias bem sucedidas de profissionais que conseguiram proteger o relacionamento terapêutico e reverter a situação, a partir de uma conduta mais proativa e tolerante com os pais, abordando as razões para recusa e oferecendo informações baseadas em suas preocupações.

A necessidade de suporte de comunicação relatada nesses estudos realça a importância de compreendermos o que está sendo disseminado sobre a vacina em plataformas populares como o Youtube. No contexto brasileiro, as vacinas contra sarampo, febre amarela e gripe, doenças que foram alvo de surtos e campanhas recentes, movimentaram a produção de narrativas no youtube.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa exploratória na plataforma YouTube com o termo vacina foi realizada em 19 de dezembro de 2018, chegando a um resultado de 622 vídeos de língua portuguesa publicados até esta data, a partir da API nativa da mídia social. Desse total, 184 foram excluídos porque usavam o termo vacina se referindo a animais ou com significado fora do contexto que interessa a este estudo, que é a vacina em seres humanos.

No recorte da amostra, realizou-se a leitura textual e visual de 438 vídeos, identificando as narrativas mais frequentes, que foram organizadas em seis categorias, definidas a partir das estruturas narrativas e da posição dos narradores nos vídeos: Autobiográficos - vídeos que trazem a vacina inserida no cotidiano das pessoas. Geralmente pais e mães levando os filhos para tomar vacina, discutindo sobre as reações, mas de uma maneira naturalizada, apenas compartilhando informações na rede; Influenciadores - vídeos em

que se posicionam a respeito da vacina, usando argumentação para defender ou negar a vacina, visando o engajamento do público. Tem a figura central do narrador como a voz predominante e articuladora de outros discursos; Didáticos - vídeos conduzidos por professores e/ou instrutores que abordam o tema da vacina como conteúdo didático, na perspectiva da formação de profissionais ou estudantes; Profissionais de saúde - vídeos em que os profissionais da saúde são os narradores centrais nas discussões sobre as doenças e as vacinas associadas, vacinação, riscos e efeitos adversos; Institucionais - vídeos de orientação e convocação para campanhas de vacinação e/ ou esclarecimentos à população; e Informativo - vídeos em formatos de reportagens e notícias sobre a vacina exibidos em programas de TV repostados no Youtube.

A partir destas categorias, foram selecionados e decupados os 10 vídeos mais visualizados de cada uma delas, de acordo com a hierarquização da mídia social, reunindo conteúdos com diferentes tempos de produção, formas e objetivos distintos. A análise dos sentidos propagados pelos vídeos se baseou nos argumentos implícitos e explícitos dos narradores, imagens e estruturas narrativas adotadas. Os levantamentos bibliográfico e exploratório foram decisivos na identificação de palavras-chave, expressões, metáforas, que sinalizaram os sentidos que os narradores buscaram compartilhar nos vídeos, o que associa este trabalho ao quadro de referências da pesquisa qualitativa.

Os sentidos das vacinas no Youtube

A maioria dos vídeos analisados no YouTube aciona sentidos mais positivos do que negativos sobre a vacina, seja pelo exemplo de quem se imuniza ou de mães e pais que levam as crianças ao posto de vacinação como uma prática natural do cotidiano; pelas recomendações de profissionais da saúde; pela defesa de ativistas, fins didáticos ou campanhas institucionais de imunização. Entre as categorias, o conjunto dos vídeos autobiográficos tem maior repercussão, somando mais de 25 milhões de visualizações, seguido dos Influenciadores (+4,4 milhões), Institucionais (+3,4 milhões), Didáticos (770 mil), Profissionais de Saúde (460 mil) e Informativos (+199 mil).

Percebe-se que o discurso de defesa é mais acionado pelos profissionais da saúde e campanhas institucionais do Ministério da Saúde, embora a experiência da vacinação exibida no cotidiano, especialmente canais de maternidade e infantis, também fortalece as narrativas pró-vacina ao naturalizar a prática da imunização. O discurso da defesa também aparece em vídeos da categoria Informativos.

O movimento antivacina no Youtube é mais veemente nas produções realizadas por canais religiosos ou associados a práticas de cura naturais, reforçado por determinadas vozes da medicina quando realçam os riscos sobre vacinas como febre amarela e gripe. Entre os 10 vídeos mais vistos de profissionais da saúde, dois vídeos questionam a efetividade da vacina e somam 238 mil visualizações, mais de 50% do total de visualizações da categoria. Embora em menor quantidade no conjunto da amostra, os atores antivacina estão nos vídeos mais visualizados na categoria dos influenciadores, que atuam na defesa de um ponto de vista, geralmente associando a vacina a substâncias tóxicas, ameaça de morte e teorias conspiratórias, como redução populacional. Também percebe-se que os discursos favoráveis à vacina, em sua maioria, se preocupam mais em explicar sobre os benefícios da imunização, relativizam os efeitos adversos e praticamente ignoram o movimento antivacina, suas dúvidas, incertezas e mitos. Independente de ser pró ou contra, o que nos interessa neste mapeamento é identificar narradores e os sentidos de suas narrativas.

Profissionais da Saúde

Dos 10 vídeos do youtube mais vistos na categoria ‘profissionais da saúde’, todos tem o médico como fonte narradora e oito explicitamente adotam o discurso pró-vacina, ressaltando os sentidos de proteção, prevenção de doenças, dever e responsabilidade dos pais com as crianças. São canais com o nome do profissional ou da sua especialidade que utilizam, principalmente, o formato de depoimento, sem muitos recursos audiovisuais, centrados na figura do médico como narrador que ensina, comenta e alerta sobre determinada doença e sua vacina, especialmente gripe, febre amarela e sarampo.

O uso do jaleco branco ou de roupa branca está presente em sete dos dez vídeos, associando o narrador a um elemento simbólico que remete aos profissionais da saúde. Apenas um vídeo desta categoria assume explicitamente o discurso contra a vacina da gripe, exibido pelo canal do Dr. Uronal, no dia 7 de abril de 2018, com 17.960 visualizações. Acionando os sentidos de risco à saúde, incerteza técnica e responsabilidade do indivíduo sobre a saúde do seu corpo, o médico, idoso como boa parte do público-alvo das campanhas contra a gripe, afirma que nunca tomou a vacina. Para convencer sua audiência, argumenta citando a referência de um artigo de revisão do Centro Cochrane, que aponta a ineficácia da vacina em 98,6% dos casos. Vestido de roupa branca e num cenário com estantes de livros ao fundo, Dr. Uronal se coloca como portador do conhecimento da saúde e se dirige à audiência como buscadora da saúde contra a

medicina da doença. “Quando mais alto for o nível da tua saúde, menos precisas agredir o seu corpo com vacinas contra a gripe. Eu já falei pra vocês e vou repetir: eu nunca tomei e nunca vou tomar vacina contra a gripe” (canal de Dr. Uronal, youtube, 2018).

Na linha dos narradores que ressaltam a agressão da vacina à saúde das pessoas, o vídeo mais assistido da categoria profissionais da saúde é uma entrevista do médico Lair Ribeiro sobre febre amarela, exibida em hangout realizado no dia 30 de janeiro de 2018, com 204 mil visualizações, superando em audiência canais de médicos com visibilidade na televisão aberta, como o da Dra. Ana Escobar, pediatra-colunista do então programa Bem Estar (TV Globo), cujo vídeo sobre vacina contra sarampo tem pouco mais de 60 mil visualizações. A produção, vinculada a um projeto da Academia Lair Ribeiro, foi exibida pelo canal O Natural é Melhor, o que já sugere conteúdo voltado para um estilo de vida e curas naturais.

A fonte é apresentada como médico, professor e pesquisador, cujos atributos vinculados à ciência são reforçados tanto pelo cenário em que Lair Ribeiro aparece - sentado na bancada de um escritório com estante de livros ao fundo – quanto pelo nome Academia Lair Ribeiro e pelo figurino de paletó e gravata, dispensando o jaleco branco tão associado à medicina. Durante a entrevista, as perguntas feitas pelo apresentador, incluindo a de internautas não identificados, questionam sobre a doença e a vacina contra febre amarela. A narrativa valoriza, inicialmente, o conhecimento do médico, que usa e explica termos técnico-científicos sobre a doença, seus sintomas e formas de contágio para, em seguida, abordar sobre os riscos da vacina contra febre amarela e seus efeitos adversos.

[...]Apresentador: um termo novo aqui pra mim, dr. Lair. O que é vacinose?

Lair: Vacinose é uma doença secundária à vacina. Então vc não tinha nada, vc tomou a vacina e vc pode, digamos, desenvolver uma febre amarela vacinal, causada pela vacina, como já deve ter ouvido casos de gente que desenvolveu poliomielite, paralisia infantil. Aliás, hoje, a principal causa de paralisia do mundo é a vacina porque ela foi erradicada. Então, é também um vírus atenuado. Posso ter sim. É raro? É raro. (Lair Ribeiro, youtube, 2018)

Na moldura do discurso deste narrador, percebe-se a predominância do sentido de riscos e incertezas, ao mesmo tempo em que chama o indivíduo à responsabilidade na decisão sobre tomar ou não a vacina.

[...] o que eu vou te dar aqui são os componentes do pensamento pra voce chegar a sua conclusão o que vai fazer com voce e o que vai fazer com a sua família. Essa decisão é sua e ninguém tira ela de voce. Certo? Porque não é uma vacina obrigatória. Então, voce vai decidir como é que faz.[...] Não existe almoço de graça. Tem um preço pra pagar. (trecho do depoimento de Lair Ribeiro, youtube, 2018)

Ao expor o seu conhecimento sobre a febre amarela, o vetor da doença e a vacina no decorrer da entrevista, o médico defende a restrição da vacina, argumentando que há um preço a pagar com a saúde para quem está em área de risco e precisa tomar a vacina contra febre amarela.

[...] Se eu tenho um indivíduo de 140kg e eu tenho um bebê de nove meses, eles vão receber a mesma carga. Não tem uma vacina só pra criança e uma vacina pro adulto. É a mesma vacina [...] Eu acho que voce não precisa ser nenhum engenheiro brilhante da Nasa pra começar a perceber que há uma discrepância dar a mesma carga virótica para um bebê de 9 meses e um indivíduo com 20, 18 anos de idade cheio de saúde e força. Pára pra pensar! (Lair Ribeiro, youtube, 2018)

Percebe-se nos discursos dos profissionais da saúde dois tipos de narradores: o que recomenda e ressalta a proteção, a prevenção de doenças e a responsabilidade do indivíduo em tomar e dar vacina às crianças, independente dos seus efeitos adversos; e os que colocam em discussão os riscos, incertezas técnicas e a responsabilidade sobre a decisão de agredir o corpo com determinadas vacinas. Ainda que esses narradores não adotem explicitamente um discurso contrário às vacinas, seus discursos servem de referência médica e reforço para argumentação do movimento antivacina.

Institucionais

Na categoria dos vídeos institucionais, o Ministério da Saúde é o principal narrador, campeão de conteúdos com 8 vídeos na lista dos 10 mais vistos. São produções entre 30 segundos e 1 minuto, geralmente convocando a população para campanhas de vacinação, a partir de um discurso que ressalta a proteção das vacinas contra as doenças e a responsabilidade dos pais em vacinar as crianças. Os formatos dos vídeos de campanha apresentam maior preocupação estética, com a participação e testemunho de celebridades, como Xuxa e o personagem Zé Gotinha chamando atenção para vacina contra pólio e sarampo nas crianças; ou Pelé, estrela da campanha contra a gripe, cujo vídeo em primeiro lugar no ranking teve mais de 1 milhão e 300 mil visualizações.

O segundo vídeo mais visto também é uma convocação do Ministério da Saúde para vencer o vírus HPV vacinando meninas e meninos no posto de saúde. Aqui, a linguagem audiovisual direcionada ao público adolescente faz referência a jogos de videogame e usa recursos de animação para exibir um filme de aventura com um casal de adolescentes em ação. Nessas narrativas que convocam a população aos postos de vacina, as mensagens são dirigidas ao público-alvo da campanha de forma imperativa e apelo emocional, típicos

do texto publicitário, sem abordar efeitos adversos ou contraindicações, realçando o sentido da proteção.

Entre os 10 mais vistos nesta categoria, dois vídeos do Ministério da Saúde abordaram os efeitos adversos da vacina contra a gripe, utilizando o formato de pergunta do cidadão e resposta do especialista, no caso, a coordenadora nacional de imunizações. Diferentes dos vídeos de convocação, as narrativas do ‘Ministério da Saúde Responde’ são construídas dentro de uma proposta interativa com o público, dando o sentido de que vale a pena tomar a vacina, minimizando os riscos. Porém, são produções com menos recursos audiovisuais e com pouco mais de 8 mil visualizações, bem distante das superproduções das campanhas de vacinação.

O único vídeo de produção regional, que aparece em terceiro lugar com mais de 830 mil visualizações, tem como fonte a prefeitura de São Paulo alertando a população sobre a circulação do vírus da febre amarela na cidade e a necessidade de se proteger com a vacina disponível nas unidades básicas de saúde. Em 15 segundos, imagens computadorizadas de mosquitos circulam por janelas que mostram desenhos representativos de uma pessoa em leito de hospital, área urbana, vacina no braço e símbolo da Unidade Básica de Saúde -UBS. Com o slogan “seu direito de saber é nosso dever”, a narrativa da Prefeitura foca o seu discurso no sentido da vacina como proteção e direito do cidadão. Não identificamos nesta categoria vídeos do Ministério da Saúde que fizessem um contraponto direto às notícias falsas. Embora os ataques à vacina sejam considerados problemas de saúde pública pelos especialistas, identificamos apenas um vídeo do canal do Instituto Oswaldo Cruz em que os narradores-cientistas reforçam a capacidade da vacina de evitar doenças e mortes, dando o sentido de vacina como saúde, direito e cidadania.

Informativos

Na categoria dos vídeos informativos, nove do 10 vídeos mais vistos abordaram prós e contras em relação à vacina da febre amarela, ressaltando tanto a importância da vacinação para prevenção da doença quanto os efeitos adversos possíveis e os riscos para determinadas pessoas, como gestantes e idosos. O vídeo com maior número de visualizações (+ de 74 mil) foi do SP no ar (TV Globo), alertando quem não deve tomar a vacina contra a febre amarela. A maioria dos conteúdos exibidos vem do Estado de São Paulo, repercutindo o surto da doença com as imensas filas nos postos de saúde, diante

do medo da população que correu para se imunizar, o que aciona sentidos de riscos, proteção e direito à saúde.

[...] Apresentador: Os postos de saúde estão lotados. Isso é fato aqui em São Paulo, mas não é todo mundo que pode tomar a vacina contra febre amarela.

[...] Repórter: a vacina garante a imunização pela vida toda. A dose fracionada é eficaz durante oito anos” .

[...] Médico: Apesar de ser uma vacina feira com o vírus enfraquecido, atenuado, neste indivíduo que tem a imunidade abalada, essa vacina, mesmo enfraquecida, por produzir um quadro grave.

[...] Cidadão na fila da vacina: tá todo mundo assustado (Trechos da reportagem do SP no ar, youtube, 2018).

O formato mais presente na amostra desta categoria foi a reportagem, caracterizada pela pluralidade de vozes, ou seja, apresentador, repórter, personagens e especialistas. Na lógica da notícia, seis narrativas destacaram a morte de crianças e idosos depois de tomarem a vacina contra febre amarela e também casos de reações adversas.

Uma senhora de 76 anos morreu depois de sofrer o que pode ter sido uma reação à vacina contra febre amarela. (apresentador, Balanço geral, youtube, 2018).

Personagem de reportagem: [...] tomei a vacina e passei mal.

Repórter: [...] Voce não é contra a vacina? Não, de maneira nenhuma, só que me fez mal. (trecho da reportagem APTV Pinhal, youtube, 2018)

Apresentadores e repórteres narram histórias, com imagens e depoimentos de personagens que legitimam a dúvida, o medo e a hesitação diante da vacina contra febre amarela, ao mesmo tempo em que informam sobre a raridade de reações graves e suspeitas que ainda serão confirmadas. Ao elencar prós e contras, profissionais da saúde ganham o apoio dos profissionais da comunicação na construção narrativa. Percebe-se que a aceitação da vacina prevalece entre os atores envolvidos na ação comunicativa, evidenciando não só os sentidos de risco, mas também de proteção e direito à saúde.

O hospital não divulgou a causa da morte, mas os documentos apontam uma causa possível. Febre amarela. Reação Vacinal. [...] Mas atenção: a vacina não é perigosa. A imunização é fundamental, principalmente para os que moram em área de risco. (apresentador, Balanço Geral, youtube, 2018)

Esses sintomas desaparecem em, no máximo, 10 dias. e só acontecem para poucas pessoas, entre 2 a 5 % dos vacinados. Já efeitos graves são bem mais raros. (repórter, Jornal da Gazeta, youtube, 2018)

O risco de reação vacinal grave é 1 para cada 400 mil casos. O risco de se adquirir febre amarela e se morrer de febre amarela é muito maior do que o risco de reação grave vacinal? (Infetologista em reportagem do Fala Brasil, youtube, 2018)

Autobiográficos

Na categoria autobiográficos, vemos a marca de narrativas do cotidiano presentes na cultura contemporânea. São rotinas da família, dia da vacina dos filhos, ressaltando a coragem das crianças, relatos de experiências individuais de crianças e adolescentes, enfim, narrativas da vida de pessoas comuns. Não houve nesta categoria narradores contrários à vacina, que é mostrada como algo natural e necessário, sem questionamentos sobre efeitos adversos. Os canais, em sua maioria, viraram meio de vida e a vacina é apenas mais um tema no cotidiano em busca de likes. Vivemos na cultura da autoexposição em que os relatos em primeira pessoa potencializado nas redes sociais são destinados a uma vasta audiência. O que antes era intimidade rompe os limites do privado para a esfera pública, fenômeno caracterizado pela espetacularização do eu (SIBILIA, 2008).

Os 10 vídeos mais vistos desta categoria somam mais de 25 milhões de visualizações e há canais com mais de quatro milhões de inscritos. O vídeo sobre vacina mais assistido é do vlog de Chaylla Alax, que apresenta um dia de vacinação de quatro crianças, conduzidas pelo pai ao posto de vacina. Sem preocupações estéticas, o pai usa a câmera como extensão do olho, mostrando os cartões de vacina e a expectativa pueril das meninas para a recompensa do sorvete depois de tomar a dose da tríplice. “Voltamos já já” é uma expressão comum nos programas da televisão repetida pelo pai e pelas meninas sempre que há um corte de cena. A chegada ao posto, o choro de uma delas antes da aplicação, o apoio das irmãs e incentivo do pai e da enfermeira, destacando a coragem das crianças, são imagens que constroem a narrativa com final feliz numa sorveteria. Já no início do vídeo o pai mostra a carteira de vacina das crianças. “[...] O que vocês acharam?”, pergunta o pai na saída do posto e as meninas respondem: “Eu gostei”.

O segundo vídeo mais assistido é de de uma adolescente que vai com a mãe, a irmã e a avó tomar a vacina contra a febre amarela. Durante o percurso de carro até o local da vacina, a narrativa foca no discurso das meninas sobre o medo da picada, mas de que é preciso tomar a vacina, reforçado pelo relato da mãe de que já tomou e não dói. Nessas narrativas do cotidiano, o exemplo de mães e pais que levam as crianças para se vacinarem numa unidade de saúde aciona sentidos de proteção à saúde, responsabilidade e direito do cidadão. A aceitação da vacina como algo natural e necessário fica tão evidente que não há preocupação em questionar sobre efeitos adversos.

Didáticos

Na linha de vídeos didáticos, o tema da vacina é abordado por canais de professores com dicas para estudantes que vão fazer o Exame Nacional do Ensino Médio, canais de cursos preparatórios para concurso ou pelo Programa Nacional de videoaulas voltadas para melhoria do Sistema Único de Saúde. O canal do professor Rômulo Passos tem o vídeo mais assistido da categoria, com quase 257 mil visualizações, trabalhando com uma narrativa de atualização do calendário de vacinas no SUS, dando ênfase à política pública e o sentido da proteção à saúde. Neste tipo de produção, o conteúdo voltado para estudantes e profissionais da enfermagem está focado na composição da vacina, suas aplicações e calendário de imunização, sem discutir efeitos adversos. O formato geralmente consiste na figura do professor/instrutor falando diante da câmera, com um cenário composto por prateleiras de livros e um quadro ou televisão, que serve para destacar informações na tela cheia do vídeo durante a aula.

Há também vídeos com transmissão ao vivo (lives), em que o tema vacina é apenas um dos assuntos abordados, seja do ponto de vista da doença ou da prevenção, e produções voltadas para estudantes do ensino médio. O canal Nerdologia, por exemplo, discutiu a revolta da vacina no contexto histórico, utilizando a voz de uma narradora ilustrada por fotos históricas, memes e efeitos gráficos, numa linguagem dinâmica voltada para o público jovem. Numa linguagem bem humorada, o canal Buenas Ideias, do historiador Eduardo Bueno, também abordou a revolta da vacina. Nesta categoria, o único vídeo que adota um discurso ativista pró-vacina é o canal do professor Jubilut, da área de biologia. Num cenário com estante de livros ao fundo e utilizando uma linguagem informal para se comunicar com os jovens estudantes, o professor faz a defesa da vacina contra a gripe, acionando sentidos de proteção, responsabilização do indivíduo, ético e moral. “Ao contrário do que dizem por aí, a vacina contra a gripe é 100% segura [...] Quando vocês não se vacinam, vocês acabam se tornando um propagador do vírus para outras pessoas”. (Canal do Professor Jubilut, youtube, 2018)

Influenciadores

A rejeição à vacina por questões morais, religiosas e até como proteção das liberdades individuais se mostra mais veemente e presente nos vídeos da categoria de influenciadores. Dos dez mais vistos, oito são discursos antivacina e a maioria vem de canais religiosos ou associado a práticas de cura naturais, impulsionados por *fake news* ou informações distorcidas. O canal Evangelistas do Apocalipse, por exemplo, tem quatro

vídeos entre os mais vistos. São vídeos feitos de forma artesanal, sem muitos recursos, utilizando a voz de um narrador para conduzir a audiência a sites e vídeos de conteúdo antivacina dos Estados Unidos, acionando sentidos de risco, ético e moral, sob o ponto de vista que quem acredita que a vacina está associada à intenção de reduzir a população mundial. O discurso antivacina também evoca um estilo de vida saudável com base na crença de que é possível evitar doenças, como febre amarela, apenas com receitas naturais, sem a necessidade de vacina. É o caso de um vídeo postado no youtube com a voz de Jaime Bruning, apresentado como terapeuta natural no canal Nova Geração, o segundo vídeo mais visto com mais de 1,3 milhão, apesar da produção precária com a montagem da foto do terapeuta com o áudio da sua palestra sobre a vacina contra febre amarela. A narrativa evidencia a descrença na ciência e a relação da vacina com teorias conspiratórias e crenças religiosas.

[...]A morte por vacina é apenas mais lenta e dissimulada do que a morte por zyklon b, gás mortífero usado na Segunda Guerra Mundial para matar milhões de judeus [...] A vacina destrói o sistema que Deus colocou em voce [...] As vacinas são para eliminar os fracos, feios e estúpidos”. (Trechos da fala do terapeuta Jaime Bruning no canal Nova Geração, youtube, 2018)

No conjunto dos vídeos de influenciadores, os discursos antivacina chegam a quase 2,5 milhões de visualizações, enquanto os narradores pró-vacina alcançam 1,8 milhão. Há vídeos improvisados, como o do canal Nova Geração, que se aproximam do vídeo mais assistido, do youtuber Felipe Neto, que tem 32 milhões de inscritos no seu canal e alcançou pouco mais de 1,5 milhão de visualizações. Como ativista pró-vacina, Felipe Neto utiliza efeitos gráficos, dados científicos e bom humor para desconstruir *fake news* sobre a associação de vacina com autismo e outros males. A sua narrativa destaca responsabilidade, direito à saúde, o sentido da proteção, ressaltando questões éticas, morais e legais. “Não vacinar seus filhos é crime [...]Você não tem direito de não vacinar o seu filho porque seu filho não é sua propriedade, ele é sua responsabilidade”. (Felipe Neto, youtube, 2018).

O canal ‘Cadê a Chave?’ também denunciou notícias falsas sobre vacina com a narrativa de um jovem casal falando de forma descontraída num ambiente de escritório em casa. Esses narradores apontam mentiras que têm influenciado na hesitação vacinal e na queda da cobertura, chamando a atenção das pessoas para o dia D da campanha de vacinação, destacando a política pública e os sentidos da proteção, risco, ético e moral.

[...]É muito mais barato te dar a vacina, por isso o governo te dá gratuitamente, do que depois te tratar com a doença pelo SUS [...] Se voce não vacinar o seu filho voce está colocando em risco essas outras crianças que não tem nada a ver com a sua decisão muito mal informada de texto de facebook. (Cadê a Chave?, youtube, 2018).

Apesar da produção elaborada e de grande repercussão em canais de influenciadores, como Felipe Neto, o tema aparece de forma pontual nos canais destes narradores que defendem a vacina, enquanto os canais religiosos lideram as narrativas antivacina da categoria de forma contínua, acionando sentidos de responsabilidade com o corpo e com a saúde da família, liberdade e autonomia, questões éticas e morais, a partir de suas crenças contrárias às narrativas pró-vacina.

Considerações finais

A maioria dos vídeos analisados no YouTube aciona sentidos de proteção, prevenção, direito, dever e responsabilidade com a saúde, utilizando, prioritariamente, o formato de depoimentos e/ou testemunhos de experiências. O discurso de defesa é mais acionado pelos profissionais da saúde e campanhas do Ministério da Saúde, enquanto o movimento antivacina é veemente nas produções de canais religiosos ou práticas de cura naturais, incluindo o reforço do discurso de médicos na abordagem de risco e questionamentos sobre a efetividade da vacina.

No Brasil, os surtos de sarampo, febre amarela e gripe refletiram na produção de narrativas que acionam sentidos de riscos e incerteza técnica, referenciadas em supostos discursos científicos, potencializando os sentimentos de hesitação e medo, que interferem na decisão de tomar a vacina. Embora ainda em menor quantidade em relação às produções que favoreceram os discursos pró-vacina, os narradores de canais religiosos ou de terapias naturais não podem ser ignorados em suas dúvidas e mitos. Essas vozes engajadas na defesa de liberdades individuais e autonomia estão nos vídeos mais visualizados entre influenciadores, associando a vacina a substâncias tóxicas, agressão ao corpo, ameaça de morte e teorias conspiratórias, como redução populacional.

A queda nas coberturas vacinais associada ao movimento antivacina, presente em plataformas populares como o Youtube, exige dos atores envolvidos com a promoção da saúde uma ação de comunicação mais personalizada, pensada a partir do perfil dos usuários, principalmente pais, mães e pessoas de um modo geral que são alvo das campanhas de vacinação.

Estudos apontam que a comunicação face a face pode facilitar a aceitação da vacina (Macdonald et al, 2017), especialmente no esclarecimento de notícias falsas ou informações distorcidas. Nesse aspecto, a interação de profissionais da saúde com pacientes e pais que recusam a vacina deve ser pensada como uma das estratégias de engajamento à imunização, a partir de uma comunicação tolerante e acolhedora, evitando confrontos e julgamentos. Também as campanhas do Ministério da Saúde não devem se limitar ao discurso imperativo do dever de vacinar ou da proteção, mas municiar a população de informações sobre as vacinas que respondam aos seus receios.

A pesquisa aponta espaços e atores importantes atuando na formação de estudantes e profissionais da saúde, como os canais didáticos, que podem se tornar parceiros de uma rede de comunicação para defesa e estímulo à divulgação científica sobre as vacinas. Também deve-se considerar o diálogo da população com atores que naturalmente aceitam a vacina e assumem em suas narrativas um discurso implícito favorável, como os narradores da categoria autobiográficos, a de maior alcance em visualizações e com potencial para estabelecer um diálogo mais próximo e engajador.

Referências

BERRY, Nina J. et al. **When parents won't vaccinate their children: a qualitative investigation of australian primary care.** 2017. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12887-017-0783-2>.

JENKINGS, M. C.; MORENO, M. A. **Vaccination Discussion among Parents on Social Media.** Journal of Adolescent Health. Volume 62, Issue 2, Supplement, Page S86, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.11.173>.

MACDONALD, N. E. et al. **Addressing barriers to vaccine acceptance: an overview.** Journal Human Vaccines & Immunotherapeutics. Volume 14, 2018 - Issue 1; 14 (1): 218-224. Publicado on-line 2017 Nov 29. doi: 10.1080 / 21645515.2017.1394533.

MELEO-ERWIN, Z. et al. **“To each his own”: Discussions of vaccine decisionmaking in top parenting blogs.** 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/21645515.2017.1321182> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21645515.2017.1321182>.

SCHMIDT, A. L. et al. **Polarization of the vaccination debate on Facebook.** Elsevier. Volume 36, Issue 25, 14 June 2018, Pages 3606-3612. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2018.05.040>.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

YIANNAKOULIAS, N. et al. **Expressions of pro and anti-vaccine sentiment on YouTube.** 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2019.03.001>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X19302920?via%3Dihub>.